



**O álbum fotográfico da empresa
Madeiras J. Sguario & Cia:
uma análise de imagens sobre relações
entre tecnologia, trabalho e natureza**

Alessandro Casagrande

Maclovia Corrêa da Silva

Eloy Fassi Casagrande Junior

Artigo recebido em: 16/11/2017
Artigo aprovado em: 03/03/2018

DOI 10.5433/1984-7939.2017v13n23p139

O álbum fotográfico da empresa Madeiras J. Sguario & Cia: uma análise de imagens sobre relações entre tecnologia, trabalho e natureza

The J. Sguario Wood Company's photo album:
an analysis of images and its relations between technology, work and nature

Alessandro Casagrande*
Maclovia Corrêa da Silva**
Eloy Fassi Casagrande Junior***

Resumo: Este artigo apresenta a análise de um conjunto de imagens históricas da empresa Madeiras J. Sguario & Cia, considerada uma das maiores companhias de exploração madeireira paranaense nas décadas de 1940 e 50 e retratada pelo fotógrafo sueco Klas Gustav Jansson (1877-1954). Esta análise, realizada por meio de categorizações pré-estabelecidas baseadas nas autoras Martine Joly e Ana Maria Mauad, revela as relações entre tecnologia, natureza e trabalho observadas neste momento histórico do ciclo da madeira.

Palavras-chave: Análise da imagem. História ambiental. Ciclo da madeira. Tecnologia.

Abstract: This paper presents an analysis of a set of historical images of the J. Sguario wood company's photo album, considered to be one of the largest logging companies in

*Doutor em Tecnologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

**Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

***Doutor. Professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

the 1940s and 50s and which was portrayed by the Swedish photographer Klas Gustav Jansson (1877-1954). This analysis carried out by pre-established categorizations based on the authors Martine Joly and Ana Maria Mauad reveals the relationship among technology, nature and work observed in this historical moment of Paraná and São Paulo wood cycle.

Keywords: *Image analysis. Environmental history. Brazil wood cycle. Technology.*

Introdução

A História Ambiental tem se consolidado como um novo campo da esfera de estudos socioambientais no Brasil, mais destacadamente, a partir da última década do século XX. Esta nova disciplina historiográfica emergiu nos Estados Unidos em meados dos anos 1970 quando da fundação da *American Society for Environmental History*, primeira organização destinada ao estudo acadêmico da matéria. Credita-se o momento histórico da sua emergência, o período no qual as reflexões e questionamentos sobre os modos de apropriação da natureza no século XX e suas externalidades ao meio ambiente estavam em destaque no cenário mundial. Em linhas gerais, alguns autores seminais da disciplina, como Worster (1991), destacam que a história ambiental pode ser categorizada em três principais linhas investigativas: a reconstrução de ambientes naturais do passado, a análise da história das ideias, das percepções e dos valores sobre o mundo natural e o estudo da exploração econômica e seu impacto sobre o ambiente.

Neste sentido, as imagens como fontes históricas podem desempenhar um papel importante na área ambiental, contribuindo para a elucidação tanto dos aspectos fitogeográficos das paisagens e dos processos tecnológicos de apropriação da natureza, como para a compreensão das questões éticas e do *zeitgeist* ou espírito da época, relativos às relações entre sociedade e natureza. Assim, como explica Mauad (2005, p. 141), a fotografia histórica ora se comporta

como “índice” - como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas e lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado, ora se considera como “símbolo” - aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro e conforma uma determinada visão de mundo.

Burke corrobora com a irrefutável contribuição testemunhal das imagens no trabalho de reconstrução das culturas materiais do passado, e nos detalhes do cotidiano das pessoas através das quais é possível ler as estruturas de pensamento e representação de uma determinada época. Mesmo assim, Burke alerta para que não nos limitemos a usar as imagens como “evidência” em sentido estrito, ainda que elas nos permitam “imaginar” o passado de forma mais vívida, na posteridade, compartilhando de experiências não verbais (BURKE, 2004, p. 17).

Neste contexto sintetizado, realizou-se como objetivo deste estudo, uma análise parcial de um conjunto de imagens históricas do álbum fotográfico da empresa Madeiras J. Sguario & Cia, considerada uma das maiores companhias de exploração madeireira nas décadas de 1940 e 50 e retratada pelo fotógrafo sueco Klas Gustav Jansson¹ (1877-1954). Estabeleceram-se categorizações do conjunto de imagens daquele momento do ciclo da madeira nos estados do Paraná e de São Paulo para reconhecer, por meio da identificação das unidades significantes (grupos temáticos) do conjunto de imagens, as mensagens não verbais e linguísticas relativas aos campos da tecnologia, natureza e trabalho encontrados em uma série fotográfica.

A empresa Madeiras J. Sguario & Cia

A Empresa Madeiras J. Sguario & Cia foi um dos maiores conglomerados de exploração madeireira dos estados do Paraná e

¹ No Brasil, o seu nome foi alterado para Claro Jansson.

de São Paulo nas décadas de 1940 e 1950. Foi fundada no ano de 1924 e inicialmente se dedicava à exploração de Imbuia (*Ocotea porosa*) e de Araucária (*Araucaria angustifolia*) em diversas serrarias distribuídas nos estados acima mencionados. Além disso, realizava o transporte de madeiras serradas provindas das suas próprias serrarias para as estradas de ferro e pontos de consumo.

Segundo Kretzen (1951, p. 152), no ano de 1950, eram “16 serrarias no estado do Paraná, nos municípios de Piraí do Sul, Castro, Jaguariaíva, Tibagi, Tomazina, Apucarana, Cerro Azul, Lapa, São João do Triunfo e União da Vitória”. A empresa possuía ainda uma frota de 80 caminhões que fazia o transporte de madeira das serrarias até o ponto de embarque em Itararé. Desta forma, a empresa se constitui em um grande conjunto de serrarias e também na construção de mais de 500 quilômetros de estradas já na década de 1940. A firma estabeleceu com um escritório central na cidade de Itapetininga-SP, cabendo à direção industrial no estado do Paraná a João Sguario e no estado de São Paulo a Luiz José Sguario e Luiz Possato, ficando a direção comercial sobre a responsabilidade de João Lupion Filho. A indústria madeireira cresceu expressivamente fazendo com que um dos sócios, João Sguario, ganhasse a alcunha de “Rei da Madeira” pela mídia da época conforme destaca a matéria de 1956,

Ninguém negará diante do que vê, o valor da iniciativa particular a serviço do progresso do Brasil. João Sguario cognominado ‘O Rei da Madeira’ um dos pioneiros do movimento madeireiro nacional [...] Possui serrarias nos municípios de Curitiba, Rio Branco do Sul, Apucarana. Assim de par com as oficinas próprias, há instalações adequadas para atender um grande número de empregados, tais como, residências, bem como um moderno e bem instalado escritório, um desvio próprio para composições ferroviárias também de seu exclusivo uso (OS QUE..., 1956, p.2-3).

O fotógrafo Klas Gustav Jansson

Klas Gustav Jansson nasceu em Hedemora, Suécia. Radicou-se no Brasil aos 14 anos em 1891, inicialmente na região de Jaguariaíva no estado do Paraná. O fotógrafo esteve também presente em outras cidades nos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo onde, por fim, fixou residência no ano de 1928 na cidade de Itararé-SP. Notabilizou-se por ter registrado a Guerra do Contestado (1912/16), o *front* de batalha das Revoluções de 1930 e 1932, pela produção de uma imagem rara do ex-presidente americano Theodore Roosevelt (1858-1919) em breve passagem por Santa Catarina. Além disso, realizou vários trabalhos em cidades retratando o ambiente urbano como tema central (D’ALESSIO, 2003).

Jansson e a temática madeireira

Jansson adquiriu uma experiência singular pela retratação da exploração madeireira e dos novos processos maquinicos que chegavam ao país, como a utilização de serras e guinchos a vapor, assim como o registro da construção de ferrovias e rodovias para escoamento da produção. Este olhar para aspectos voltados para a divulgação de obras e triunfos das novas tecnologias foi desenvolvido no seu trabalho para o complexo madeireiro americano *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*, na cidade de Três Barras, Santa Catarina, quando foi contratado para ser o fotógrafo oficial da empresa durante a década de 1910. Produziu então uma série de imagens no qual se destacavam aspectos de infraestrutura, tecnológicos, naturais e de trabalho. Segundo Valentini (2009, p. 6) “a presença de fotógrafos profissionais nos empreendimentos de Percival Farquhar (o homem por trás da Lumber e da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande) reforçam a ideia da narrativa dos triunfos do homem sobre a natureza.”

Digno de nota e somando-se às palavras de Valentini, destaca-se que outro empreendimento de Farquhar retratado por

imagens fotográficas foi a *Madeira-Mamoré Railway*, documentada por um fotógrafo oficial, o americano Dana Merrill (Kravigny, 1940). O truste americano comandado por Farquhar tinha interesses empresariais em divulgar, por meio de imagens, a evolução de suas obras e de suas novas tecnologias industriais em andamento nos longínquos sertões brasileiros, fato demonstrado na série de cartões postais produzida neste período e pela produção de um filme de 47 minutos realizado em 1922 sobre o empreendimento em Três Barras-SC. A retratação de grandes obras de engenharia era tema comum no início do século XX, período conhecido como civilização da imagem (AUMONT, 2002).

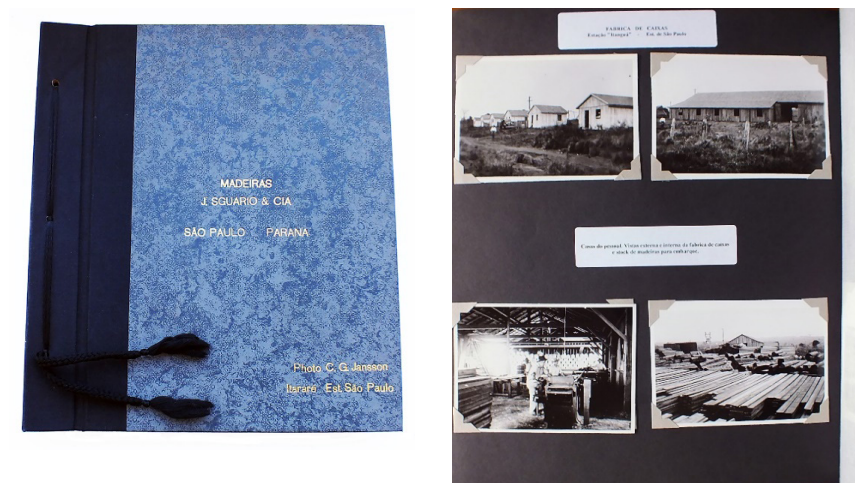
Após esta experiência neste tipo de abordagem imagética do marketing florestal, Jansson se estabeleceu em Itararé - SP, e entre a realização de diversos trabalhos, produziu a série de fotos para a empresa Madeiras J. Sguario & Cia, objeto desta análise.

O álbum fotográfico

O álbum original em questão foi adquirido por um dos autores deste artigo² no antigo estúdio de Claro Jansson na cidade de Itararé, estado de São Paulo, por meio de sua neta. A princípio, este álbum foi elaborado a pedido da empresa como uma espécie de portfólio, porém o mesmo acabou não sendo aproveitado pela empresa e foi esquecido. O seu *corpus* fotográfico foi construído exclusivamente sob o tema da exploração madeireira na década de 30. Trata-se de um álbum com as dimensões 30,0 por 32,5 cm, possuindo uma série extensa com vinte e cinco (25) páginas cartonadas contendo cento e setenta e quatro fotografias (174) correlacionadas, que conforme Mauad (2005, p. 144) é “capaz de dar conta de um universo significativo de imagens, e homogêneas, posto que numa mesma série fotográfica há de se observar um critério de seleção.”

2 Alessandro Casagrande.

Figura 1 – Álbum Exploração Madeireira Década de 30 (capa e página interna)
 Fonte: Próprio autor.



Análise da série fotográfica

Esta análise, realizada por meio da identificação das unidades significantes (grupos temáticos) do conjunto de imagens, reconheceu as mensagens não verbais e linguísticas relativas aos campos da tecnologia, natureza e trabalho encontrados na referida série fotográfica.

Foram analisadas 18 imagens no total, que representam três grupos temáticos (natureza, tecnologia e trabalho) compostos cada qual por de seis imagens amostrais selecionadas do álbum. A análise realizada por meio de fichas decompôs cada imagem a fim de facilitar o reconhecimento das tipologias dos signos icônicos, plásticos e linguísticos nos planos de expressão (elementos da fotografia com o seu contexto) e conteúdo (opções técnicas e estéticas).

Baseada nestas fichas foi realizada uma transcrição no

sentido de atribuir uma interpretação diversa daquela dada por contemporâneos da imagem, mas adequada à problemática estudada, facilitando deste modo, uma melhor compreensão na comunicação e na transmissão das mensagens contidas nas imagens.

Para tanto, adotaram-se metodologias mistas semelhantes às categorias e propostas de análise de imagens realizadas por Joly (2006) e Mauad (2005), em seus respectivos trabalhos *Introdução à Análise da Imagem* e *Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX*. Apropriou-se, por exemplo, dos conceitos de Joly (2006) sobre signos icônicos e plásticos que são considerados como signos visuais simultaneamente distintos e complementares, e do sistema de fichas baseados nos planos de expressão e de conteúdo de Mauad (2005).

Desta forma, por meio da criação de um sistema de imagem, fichamento e análise dos grupos temáticos, foi possível criar uma metodologia mais sistematizada para a interpretação de séries fotográficas. A intenção deste tipo de análise é de subsidiar futuros trabalhos que envolvam o campo imagético dentro dos estudos de história ambiental brasileira.

Figura 1 - Grupo Temático “Natureza”

Fonte: Klas Gustav Jansson - “Madeiras J. Sguario & Cia”, Itararé-SP, circa 1940-50, sem paginação.

1



2



3



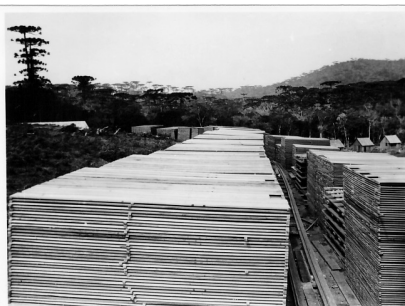
4



5



6



Quadro 1 – Grupo Temático “Natureza”

Fonte: Próprio Autor.

PLANO	Tipologia do Signo	Significantes icônicos	Mensagem denotativa	Mensagem conotativa
PLANO DE EXPRESSÃO	Icônicos	Florestas, madeira, toras, estoque, pilha de madeiras, caminhão.	Estoques de capital natural vivo e inerte próprios. Transporte próprio.	Autonomia, poder, orgulho empresarial, triunfo sobre a natureza, transformação de capital natural em econômico.
	Linguísticos	Função da Legenda Âncora - 02, 03,04, 05 e 06 Substituição - 01	Tratores, toros, transporte, estabelecimento, stock [*] de madeiras, madeiras serradas, táboas, caminhões, pinhaes, imbuya.	Quantidade excessiva de estoques próprios e de suprimento de mercadoria. Autossuficiência.
PLANO	Tipologia do Signo	Elementos da imagem	Características dos elementos	
PLANO DE CONTEÚDO	Plásticos	Suporte	Papel fotográfico Kodak fosco.	
		Tamanho	11 x 8 cm.	
		Localização	01 - Sengés - PR; 02- Itararé - SP; 03 - Itararé - SP; 04-Serraria Barro Branco – Apiaty-SP; 05- Serraria Cachoeira-Jaguariaíva-PR; 06- Serraria Morro Azul – Sengés-PR.	
		Data	Cerca 1930.	
		Enquadramento	Fotos 01, 02 e 03 – Plano Geral Fechado e 01, 02 e 06 – Plano Geral Aberto.	
		Distribuição de elementos (composição)	Foto 01 - Composição horizontal, Foto 02 e 03 - Composição diagonal; Foto 04 - Comp. Simétrica; Foto 05 e 06 - Comp. Vertical.	
		Iluminação	Dura.	
		Pose	Fotos 02, 03 ,04 e 05.	
	Linguísticos	01- Trecho de pinhaes da Fazenda Morungava; 02 - Nos campos de ibity; 03 - Transporte de Imbuya em toros para Itararé; 04 - Carregamento de táboas em caminhões; 05 - Madeiras Serradas; 06 - Parte do stock de madeiras serradas.		

* Respeitando a grafia original de todas as legendas originais.

Análise do grupo temático “Natureza”

Neste grupo temático foram selecionadas as imagens que representam as relações com o capital natural e os estoques de madeira da empresa. A imagem número 1 retrata o conjunto de florestas próprias que demonstram a pujança do capital natural a ser transformado em capital inerte³ na forma de estoques. Neste sentido, apresentam-se as mensagens denotativas sobre os estoques de capital natural vivo e inerte e as conotativas de autonomia, poder, o orgulho empresarial, e o triunfo sobre a natureza, transformação de capitais natural e inerte em capital econômico.

Outro elemento apresentado em destaque na série é a questão do transporte (fotos amostrais números 2, 3 e 4). No álbum são apresentadas 45 fotos desta categoria, sugerindo que existia um dinamismo e autonomia comercial da empresa. Ela possuía uma frota de 80 caminhões próprios e pontos de embarque ferroviário (fotos números 4, 5 e 6). Nota-se, que no conjunto de fotos desta categoria, os caminhões estão dispostos em forma de comboio, realizadas em plano geral aberto e composições ora verticais, ora diagonais, a exemplo da foto número 2. A impressão passada para o observador é de infinitude da frota, como uma espécie de recurso estético para a demonstração de poderio de carregamento e locomoção de carga de madeira até os centros de distribuição. Os estoques de madeira também têm um grande peso na série de imagens, sendo retratados ostensivamente no álbum com 40 fotos, repetindo a noção de ostentação e capacidade de fornecimento. A maioria das fotos posadas em cenas exibe a escala humana em comparação à pilha de madeiras estocadas.

3 Capital Natural: Em termos gerais, ‘capital’ é definido como o estoque de materiais ou informações que existem em um sistema, a qualquer momento. Assim como um investidor utiliza capital financeiro para gerar lucro, um estoque de florestas irá prover um fluxo futuro de madeira. Existe uma diferença entre o Capital Natural vivo e o Capital Natural morto ou inerte. O primeiro é sustentado por energia solar e inclui todos os ecossistemas. O Capital Natural morto, ou inerte, inclui minerais e combustíveis fósseis, que não proporcionam quaisquer outros serviços, além do seu uso (Natural Capital Declaration, 2015).

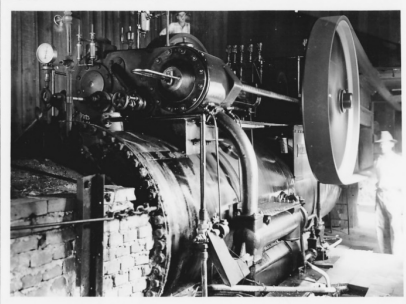
Figura 2 - Grupo Temático “Tecnologia”

Fonte: Klas Gustav Jansson - “Madeiras J. Sguario & Cia”, Itararé-SP, circa 1940-50, sem paginação.

1



2



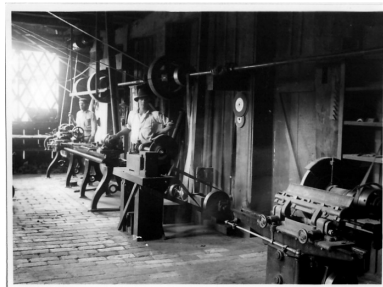
3



4



5



6



Quadro 2 – Grupo Temático “Tecnologia”

Fonte: Próprio Autor.

2. GRUPO TEMÁTICO “TECNOLOGIA”				
PLANO	Tipologia do Signo	Significantes icônicos	Mensagem denotativa	Mensagem conotativa
PLANO DE EXPRESSÃO	Icônicos	Locomóvel*, serras maquinaria, roda d'água, polias, caminhão, trator.	Automação, mecanização, energia mecânica.	Modernidade, dinamismo, velocidade, tecnologia, força, eficiência e domínio da natureza.
	Linguísticos	Função da Legenda Âncora – 01, 03 e 06 Substituição – 02, 04 e 05	Oficinas, tratores, plainas, afiação, estaleiramento.	Demonstração da capacidade tecnológica da empresa.
PLANO	Tipologia do Signo	Elementos da imagem	Características dos elementos	
PLANO DE CONTEÚDO	Plásticos	Suporte	Papel fotográfico Kodak fosco.	
		Tamanho	11 x 8 cm.	
		Localização	01- Serraria Barro Branco, Apiahy-SP; 02 - Serraria Correias -?;* 03- Serraria Ouro Verde - ?; 04 - Serraria Rio Claro - Sengés -PR; 05- Serraria Boa Esperança - Jaguariáiva; 06 - Itararé - SP	
		Data	Cerca 1930.	
		Enquadramento	01, 02 e 05 - Plano Médio; 04 e 06 - Plano Geral Fechado; 03 - Plano Geral Aberto.	
		Distribuição de elementos (composição)	01- Composição com reflexos; 02 - Sobreposição; 03 e 06 - Comp. horizontal; 04 - Comp. Simétrica; 05 - Comp. Diagonal.	
		Iluminação	01, 02 e 05 - Difusa; 03, 04 e 06 - Dura	
		Pose	Sim. 01, 02, 05 e 06.	
	Linguísticos	01- Seção de Afiação de Serras; 02- Interior da Serraria Correias - Locomóvel, serra fita automática; 03- Estaleiramento de toros por meio de tratores; 04 - Roda d'água; 05- Oficinas Mecânicas; 06 - Construção de estradas por meio de tratores e plainas nos campos de Ibity.		

* Máquina a vapor que possui a característica de ser móvel, podendo ter certa mobilidade que facilita o seu transporte ao local planejado.

** Local não identificado.

Análise do grupo temático “tecnologia”

Este grupo temático é representado por uma seleção de seis imagens sobre o tema da tecnologia compreendida como máquinas. A intenção do fotógrafo foi retratar a modernidade dos processos produtivos empregados pela empresa, destacando-se itens como a eficiência, a introdução de maquinários específicos para o beneficiamento de madeira, máquinas de afiar, serra fitas automáticas movidas a vapor, entre outros.

O conjunto de imagens também mostra como as máquinas representavam a noção de tecnologia. As ações expostas de forma didática e serial apontam a sequência das atividades laborais que abrangiam todo o processo produtivo: a abertura de estradas para o escoamento da produção (foto número 6); a extração de madeiras nas florestas com o uso de potentes tratores da marca alemã Lanz Bulldog (foto número 3); e o maquinário de suporte, como afiação de serras (foto número 1); e oficinas mecânicas próprias (foto número 5). Além disso, destaca-se o uso do vapor como elemento central na apresentação do álbum com uma série de locomóveis em diversas serrarias, a implantação de uma usina elétrica e do uso de energia hidráulica para mover as serras (foto número 4).

A maioria das fotos desta série sobre os artefatos tecnológicos são posadas, em que a presença humana assume um caráter meramente de figuração. As máquinas mereceram o destaque da cena como na foto número 2, evidenciando-as em primeiro plano. Nesta imagem, observa-se que o elemento humano aparece sem nitidez, como um espectro diante da máquina. Ainda no sentido da apresentação da modernidade dos processos maquímicos empregados pela empresa, ressalta-se o movimento das cenas, dando a impressão de movimento, progresso, dinâmica e velocidade, vide este efeito nas fotos número 4 (roda d'água girando), foto número 2 (polia do locomóvel) e foto número 6 (no movimento do braço do condutor da plaina na abertura da estrada).

Figura 3 - Grupo temático “trabalho”

Fonte: Klas Gustav Jansson - “Madeiras J. Sguario & Cia”, Itararé-SP, circa 1940-50

1



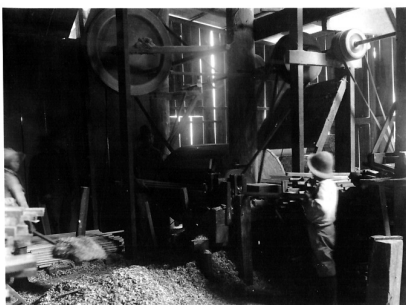
2



3



4



5



6



Quadro 3 – Grupo Temático “Trabalho”

Fonte: Próprio autor.

PLANO	Tipologia do Signo	Significantes icônicos	Mensagem denotativa	Mensagem conotativa
PLANO DE EXPRESSÃO	Icônicos	Escritório, fábrica, máquinas, produtos acabados, operários, casa dos funcionários.	Trabalho, estrutura organizacional, geração de empregos, diversidade de produtos.	Organização, bem-estar dos funcionários, função social da empresa, posição no mercado (gama de produtos).
	Linguísticos	Função da Legenda Âncora – 01, 03 e 06 Substituição – 02, 04 e 05	Gerência, encaixotamento, casas do pessoal, vistas da fábrica, fabricação, lixo.	Demonstração organizacional e hierárquica da empresa.
PLANO	Tipologia do Signo	Elementos da imagem	Características dos elementos	
PLANO DE CONTEÚDO	Plásticos	Suporte	Papel fotográfico Kodak fosco.	
		Tamanho	11 x 8 cm	
		Localização	01- Escritorio Central, Itapetininga-SP; 02, 03 e 04 - Vistas da Fábrica, Serraria “Barro Branco”, Apihay-SP; 05- Serraria Boa Esperança - Jaguariaiva; 06 – Estação Itanguá – SP.	
		Data	Cerca 1930.	
		Enquadramento	01 e 05 - Plano Geral Fechado; 02 e 04 - Plano médio; 03 e 06 - Plano Geral Aberto.	
		Distribuição de elementos (composição)	01, 04 e 05 - Composição Simétrica; 02 - Sobreposição; 03 e 06 - Comp. Horizontal.	
		Iluminação	01, 02, 04 e 05 - Difusa; 03 e 06 – Dura.	
		Pose	Sim, em todas as fotos.	
	Linguísticos	01-Vista interna das secções de Gerência, Chefia do Expediente e Contabilidade; 02, 03 e 04 - “Barro Branco” - Vistas da Fábrica de cabos de vassouras, secção de afiação e tiragem de lixo; 05 - “Boa Esperança” - Encaixotamento de palitos para phosphoros; 06 - Construção de estradas por meio de tractores e plainas nos campos de Ibity.		

Análise do grupo temático “trabalho”

Por meio da identificação dos signos icônicos e suas mensagens não verbais estabelecem-se três grandes divisões retratadas sobre o tema: (1) a esfera organizacional da empresa; (2) a linha de produção (ambiente de trabalho); e (3) as estruturas

de bem-estar. Percebe-se que o fotógrafo, intencionalmente, representou aspectos organizacionais do trabalho, mostrando-os de forma linear e hierárquica no álbum (chefia, trabalhadores braçais e estrutura de bem-estar).

As primeiras páginas do *corpus* da série fotografam a estrutura gerencial da organização com quatro páginas dedicadas à sua direção, cujos membros são enquadrados em plano próximo elegantemente vestidos de terno. Após esta introdução, apresentam-se as imagens externas e internas do escritório geral de Itapetininga (foto número 1). Percebe-se o cuidado em dispor o senhor Arlindo Rocha, contador do grupo empresarial posado em primeiro plano na cena com a sua máquina de escrever Remington modelo 1930. Atrás dele, o assistente e o guarda livros estão colocados com seus símbolos de trabalho, ou seja, com as canetas empunhadas e o livro contábil na posição aberta.

O ambiente organizado e limpo da chefia se distingue do ambiente precarizado das serrarias e das humildes casas dos funcionários que se estabeleciam em cada uma das dezenas de serrarias em meio à floresta nos sertões do Paraná e de São Paulo (foto número 6). Mesmo assim, o texto das legendas deixa a entender que a empresa preza por alguma estrutura de bem-estar dada aos seus funcionários, como por exemplo, na Villa Sguario, um conjunto de casas de trabalhadores da empresa em Itararé -SP e a presença de escola pública nas terras da empresa.

Em seguida no álbum, apresentam-se cenas posadas das atividades dos operários nas serrarias. Digna de nota é a presença em grande número de crianças trabalhando em ambientes insalubres e no serviço de operações subalternas, como na amarração final de feixes de cabo de vassouras (foto número 3) e no descarte de cepilho, serragem e de madeira não aproveitada (foto número 4). Destaca-se, nos rostos dos figurantes, a ideia de apatia e de tristeza em cenas posadas com os operários, muitos deles maltrapilhos e com um ar constrangedor e de fadiga evidentes. As fotos dos ambientes internos das serrarias apresentam-se com iluminação difusa onde é possível

referir-se a uma precariedade no uso de energia e na forma das construções destes ambientes. A luz que ultrapassa os grandes vãos e perpassa as tábuas das paredes repassam esta impressão (fotos números 2, 4 e 5). A presença de mulheres no álbum é retratada exclusivamente em atividades de finalização de produtos, como é o caso do encaixotamento de palitos de fósforos produzidos a partir de araucária (foto número 5).

Considerações finais

No campo da história ambiental, entendemos ser possível utilizar uma metodologia de análise de imagens no reconhecimento de signos icônicos, plásticos e linguísticos, possibilitando uma espécie de “adestramento do nosso olhar”, o qual revela uma interpretação mais balizada sobre as intenções do fotógrafo na captura de um momento a ser eternizado. Foi possível realizar esta análise porque as imagens correspondem aos grupos temáticos preestabelecidos e confirmam as mensagens não verbais e linguísticas. Apesar da intenção profissional das imagens do fotógrafo Jansson, neste trabalho para a Sguario, elas assumem um papel simbólico, documental e monumental singular para o entendimento desta fase do ciclo da madeira no contexto histórico-ambiental dos estados do Paraná e de São Paulo.

Os registros fotográficos deste álbum escolhido para análise, mesmo desconsiderando-se a não neutralidade de sua produção pela intenção empresarial e pela experiência do fotógrafo na retratação publicitária madeireira, são evidências históricas importantes, pois elucidam aspectos relacionados às relações entre sociedade e natureza no que tange ao ciclo da madeira neste recorte temporal. Importante ressaltar que o controle dos meios técnicos de produção cultural até meados dos anos 1950 foi privilégio de uma classe dominante ou frações dessa, conforme nos ensina Mauad (2005).

Mais do que documento, o álbum da Madeireira Sguario revela para os observadores uma visão de mundo espoliatória

sobre a natureza, vista exclusivamente como capital econômico e revelada no álbum pelos signos linguísticos “estoque, suprimento, floresta própria⁴”. As imagens mostram as forças da natureza, da tecnologia, e do trabalho com a introdução da máquina a vapor (locomóvel) em áreas remotas, a abertura de estradas e ferrovias para o escoamento da produção e os impactos na redução das últimas florestas de araucária nativas nas décadas de 1930/40 nos estados da parte meridional do País. Este tipo de exploração não se restringe apenas à natureza, mas também ao elemento humano - retratado nas cenas de uso de mão-de-obra laboral infantil em ambientes insalubres, em que o maltrapilho trabalhador descansa no final do dia em suas casas-rancho patrocinadas pela empresa como casas dos funcionários.

A exploração de florestas nativas nos estados do Paraná e de São Paulo teve a sua decadência a partir do final da década de 1940, quando os estoques florestais começaram a desaparecer. Junto com ela, extinguiem-se também as peculiaridades deste modelo de apropriação da natureza (uso da máquina a vapor, abertura de estradas, transporte ferroviário, ambientes de trabalho precarizados, exploração laboral, trabalho infantil, e outros). Dada a efemeridade deste ciclo e as suas características típicas, o registro imagético, como nos explica Jacques Le Goff (2003), representa uma simultaneidade de imagem como documento e imagem como monumento, para que possamos compreender o “espírito do tempo” deste momento histórico no país.

Referências

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. São Paulo. Editora Papirus, 2012

BURKE, Peter. De testemunha a historiador. In: _____.

4 Signos linguísticos interpretados pelo autor.

Testemunha ocular: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004. p. 197-211.

CAPITAL NATURAL DECLARATION. **What is natural capital:** why it is important to finance. Disponível em: <<http://www.naturalcapitaldeclaration.org/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

D'ALÉSSIO, Vito. **Claro Jansson:** o fotógrafo viajante. São Paulo: Dialetto, 2003.

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem.** Campinas: Papirus, 2006.

KRAVIGNY, Frank W. **The jungle route.** New York: Orlin Tremaine, 1940.

KRETZEN, João. **As grandes potências econômicas no estado do Paraná.** 2. ed. Curitiba: Escritório Sul-Brasil, 1951.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise

da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, jan./jun. 2005.

OS QUE realizam o progresso no Paraná. **A Divulgação**, Curitiba, ano 10, jun. 1956.

VALENTINI, Delmir José. **Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil**: a instalação da Lumber e a Guerra na Região do Contestado (1906-1916). 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.